

*O mal-amado*, Fernando Matos Silva  
(1972)



“(...) Entrando, assim, directamente na matéria do recurso, [o Senhor Dr. João Silva] emitiu a opinião de que, quanto a imagens, o filme não tem outro problema que não seja o da cena em que a mulher se despe. O problema fundamental está, sem dúvida, no diálogo, onde, a par de uma ou outra verdade, há passagens que oferecem as maiores suspeitas e são piores do que veneno. Comparando a sociedade a que o filme se destina com o que se passa com o corpo humano e os efeitos que neste provoca uma ferida, quando combatida ou não combatida, salientou que, do mesmo modo, se na sociedade se abre uma ferida (provocada por filmes destes, pelos intelectuais, pelos artistas – quando atiram com as suas ‘obras’ lá para fora), e se, dessa ferida, não há quem expurgue o pus para a curar, é certo e sabido que, a breve trecho, a ferida se generaliza e se transforma em lepra e em morte. É esse trabalho de assepsia que, em relação ao cinema, tem que ser exercida pela censura, sob risco de que, passa hoje este, amanhã outro filme no mesmo género e, dentro em pouco, todos ficam infectados. Exactamente porque entende que este é um dos filmes capazes de infectar a sociedade, reprova-o. (...) Nestes termos, a Comissão deliberou negar provimento ao recurso, mantendo-se, portanto, a reprovação do filme *O mal-amado*.”

“Ainda entre nós se tomava a sério o neo-realismo, Orwell era tido como um comunista, Burnham um desconhecido, Ionesco um tarado, Beckett um absurdo e os debates de Rougemont inexistentes. Ninguém conhecia Aron ou Toynbee, o pensamento filosófico norte-americano ficava pelo cabotismo de Will Durant, no Brasil. Gilberto Freyre era um fascista, Jorge Amado fazia chorar as pedras, o existencialismo era um horror, as *Follie Bergères* o melhor do mundo, Mauriac ou Camus eram perigosos pensadores do drama humano.” (Macedo 1993, 271)

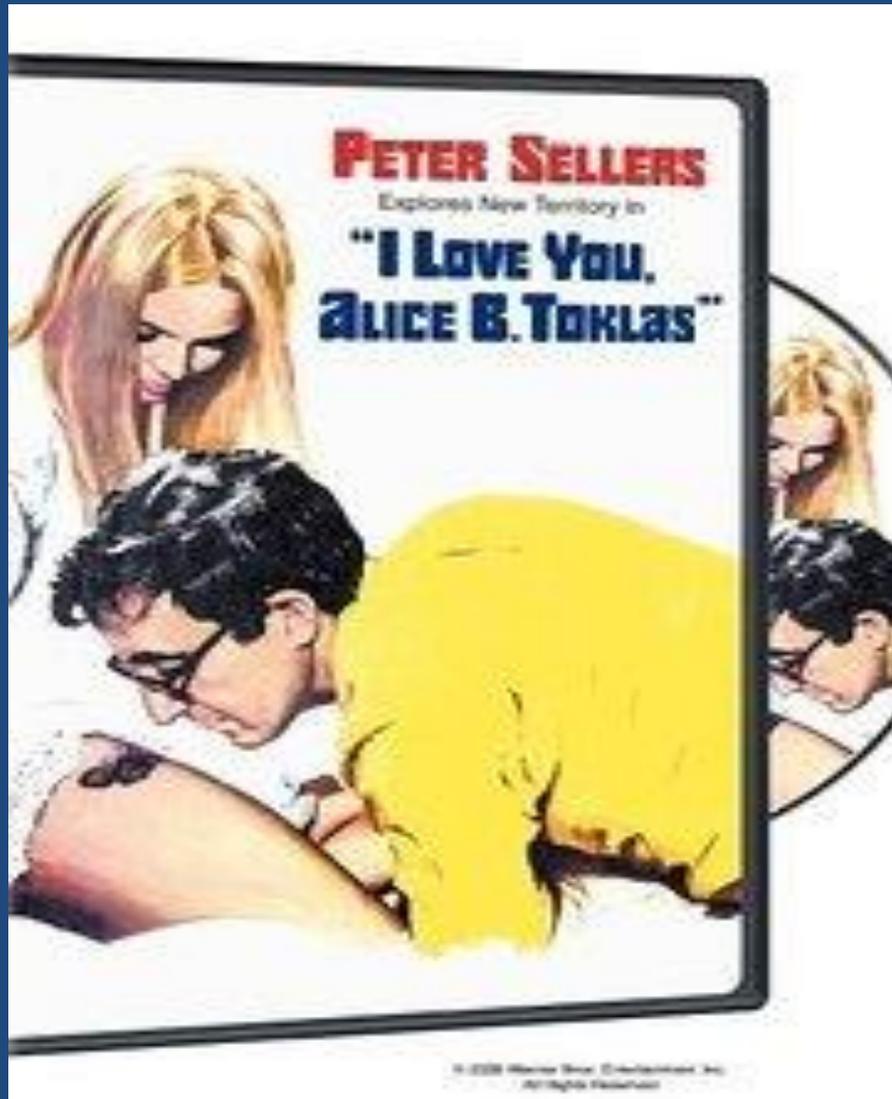
**Inês de Medeiros, *Cartas a uma ditadura***  
**(2006)**

# *Sinful Davey*, John Huston, 1969



**“5/A – Apaixonado... 5/B – Encantador. 5/C – Só John Huston podia criar um tal personagem... 5/D – ...Autêntica personificação dos 7 pecados mortais! (...) 15/A - Abaixo a lei! 15/B – Abaixo a virtude! 15/C – Viva o Davey!”** (Processo de Censura nº 22364 SNI-DGE: ANTT, de 4 / 7 /1969).

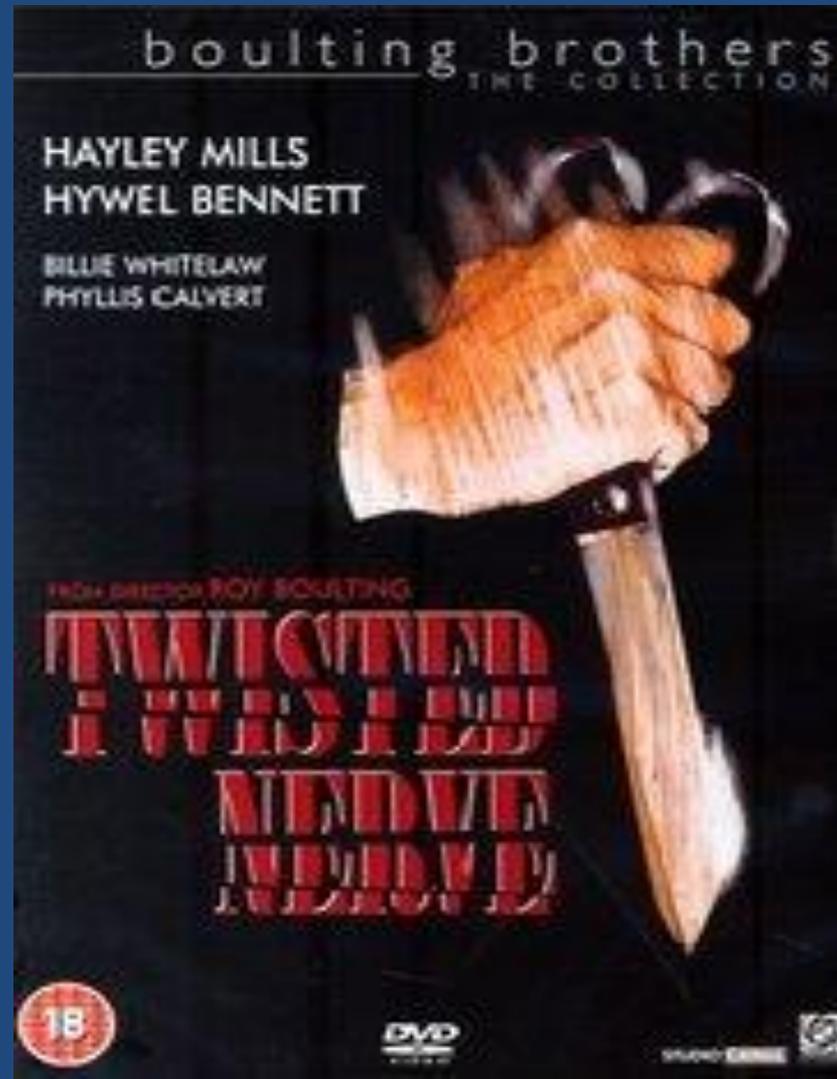
# *I love you, Alice B. Toklas!*, Hy Averback, 1968



“Considero que este filme não contém uma crítica ou saída que ponha em contraste a ‘vida hippie’ com a moral convencional de tal modo que o público francamente opte pelos valores que regem ou têm regido até agora as sociedades cristãs e ocidentais. Noto ainda que o realizador apenas esboça uma outra saída, sem dizer qual, condenando a moral convencional e o ‘amor generalizado’ ou ‘hippie’. Penso ainda que as sugestões e evidências, aparecidas ao longo do filme, sobre o uso de afrodisíacos e outras formas libertinas (não sei se actualmente já se poderá chamar assim ou se se prefere apodar de ‘liberais’) de vida, só por si, determinariam da minha parte tais cortes que o filme não ficaria exibível. (...)”

(Processo de Censura nº 21937 SNI-DGE: ANTT, de 23 / 5

# *Twisted Nerve*, Roy Boulting, 1968



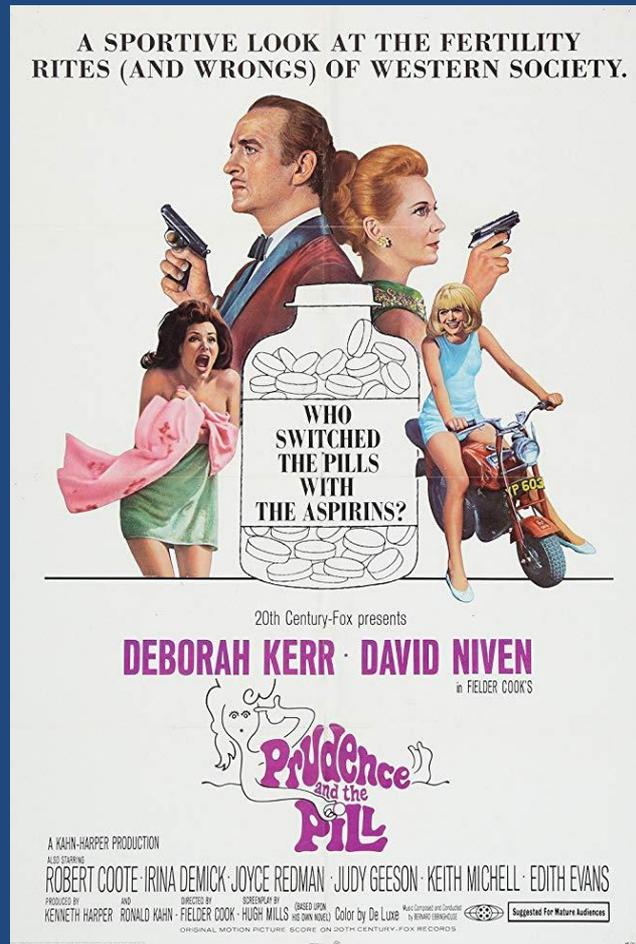
# *Venga a prendere il caffè... da noi,* Alberto Lattuada, 1970



“É evidente que nesta sua nova versão, com os numerosos cortes que lhe foram introduzidos (a empresa distribuidora informa terem sido efectuados 21, o que corresponde a cerca de 400 metros de película) não podiam deixar de ter sido eliminados alguns dos inconvenientes que o filme apresentava quando da sua primeira apreciação pela Comissão. Efectivamente, não existem agora quaisquer imagens susceptíveis de exclusão, já que foram abolidas as cenas em que as especulações sexuais eram mais patentes e do próprio diálogo se extraíram aqueles passos mais livres e ousados. A verdade, porém, é que um dos fundamentos da reprovação do filme consistia na natureza do tema e esse não podia ser dele excluído. Assim, mantém-se vivo o espírito crítico à sociedade burguesa ou, pelo menos, a alguns dos seus valores fundamentais, permanece sem alteração o sentido negativo do comportamento dos personagens, por contrário aos princípios éticos que regem, ainda hoje, as relações sociais, nada se modificou, enfim, quanto ao significado imoral da história, muito embora expurgada de umas quantas imagens de cunho altamente erótico. Nestes termos, não obstante reconhecermos o esforço feito para anular os aspectos condenáveis do filme, entendemos ser de reprovar, também, esta sua nova versão.”

“deliberou aprovar o filme (na actual versão), classificando-o para o Grupo D (maiores de 18 anos), com os seguintes cortes: a) cerca da legenda 26 deixar apenas um apontamento (o 3º) das cenas do galo; b) cerca da legenda 410 eliminar todas as cenas do galo com as galinhas.” (Processo de Censura nº 12473 SNI-DGE: ANTT, de 21 / 9 /1973)

# Prudence and the pill, Fielder Cook, 1968





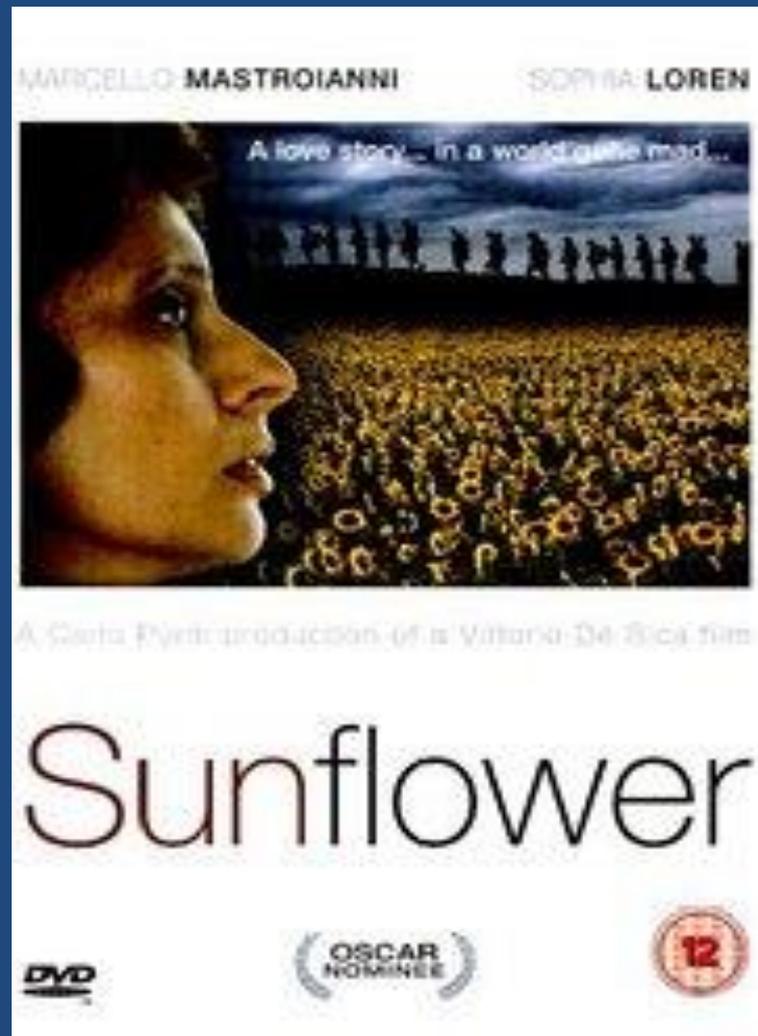
### MUERE UNA MUJER

España, 1965  
Director: Mario Camus

Estárimos ante dos programas de mano idénticos de no ser porque a la bella rubia dibujada por Viciano le han ocultado su enorme pecho con una especie de estola de piel. ¡Qué escandaloso busto de perfil!, debieron pensar los censores. Lo cierto es que en esta ocasión resolvieron la papeleta de un modo tan discreto como estético, todo hay que decirlo.

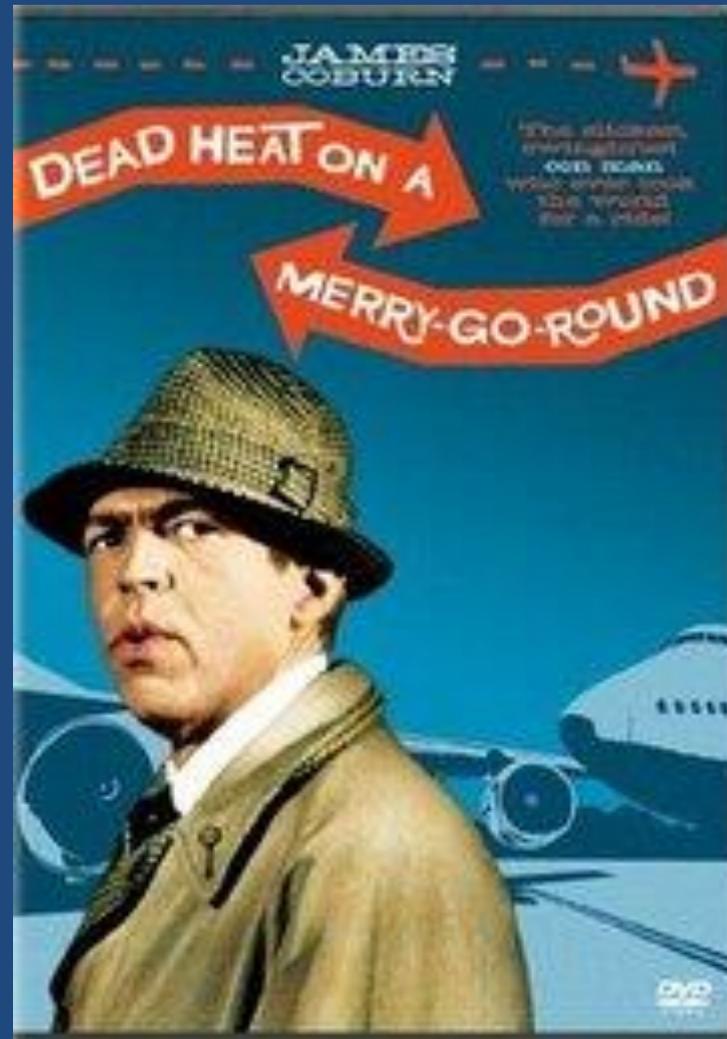


# *I girasoli*, Vittorio de Sica, 1970



“221 – Os alemães obrigavam-nos a abrir as próprias covas. 222 – Eram soldados italianos e civis russos prisioneiros. 223 – Os alemães obrigavam-nos a abrir as covas para os sepultar. 224 – Como vê, cada girassol, cada árvore ou campo de trigo... 225 - ...esconde corpos de italianos, russos, alemães... 226 – ...e também corpos de muitos camponeses russos, velhos, mulheres e crianças.” (Sublinhados nossos. Processo de Censura nº 23635 SNI-DGE: ANTT, de 10/ 10 /1970)

# *Dead Heat on a Merry-go-Round,* Bernard Girard, 1966



**“Chegou-se agora ao ponto de apresentar as acções criminosas de cadastrados sob o ponto de vista cor-de-rosa. O simpático herói do filme é o assaltante de bancos, sem qualquer espécie de escrúpulos, e o seu plano é coroado de êxito (?) – o crime não tem castigo. Julgo argumentos desta natureza mais perigosos do que todos os nus... votamos pela reprovação, embora julgue conveniente que seja visto por outro grupo.”**  
(Processo de Censura nº 22039 SNI-DGE: ANTT, de 20 / 6 /1969)

# *The Guns of the Magnificent Seven,* Paul Wendkos, 1969



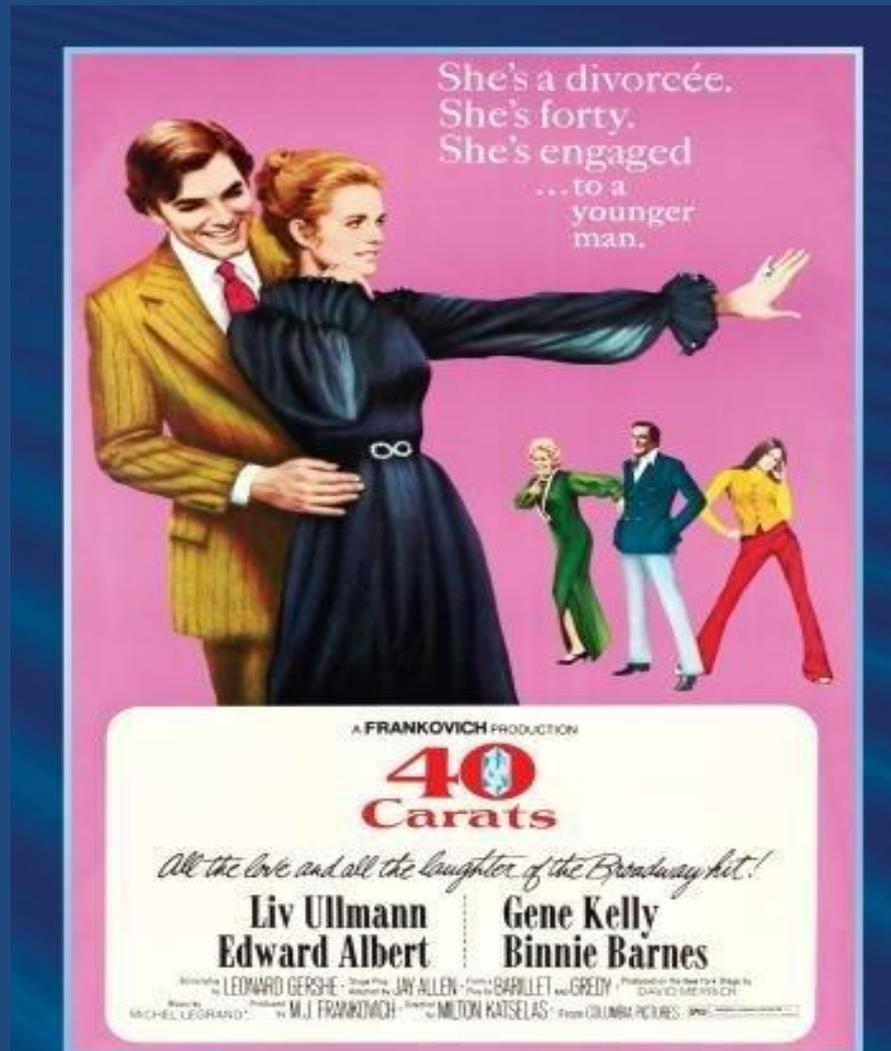
“Trata-se de um filme em que uma rebelião, na época que precedeu a independência do México, sai triunfante contra o poder estabelecido. A revolta foi mobilizada, segundo se depreende, por motivos de desejo de independência do povo do México. Mostra o filme várias violências cometidas pelas forças legais que criam um ambiente de simpatia para com os rebeldes. Muito embora a situação que é vivida não possa ter semelhança com a situação que enfrentamos no ultramar, pode induzir sugestões de semelhança em públicos mal esclarecidos. Não gostaria de tomar uma decisão de aprovação, que é viável, apesar da violência patenteada, sem que um outro grupo pelo menos apreciasse o filme. Se a minha óptica de apreciação for apoiada penso que, pelo menos na presente situação, o filme carece de oportunidade para ser exibido.” [Sublinhados do censor. A data deste parecer é de 22/10/69]

**“Comparticipamos das dúvidas e receios expostos pelo Ex.mo colega Coronel Nave. O filme contém intenções libertárias, pacifistas e revolucionárias, características deste género de produção americana, em que é hábito fazer o sistemático elogio dos opositores à ordem estabelecida, cujos defensores são apresentados como indivíduos antipáticos e cruéis. Parece-nos que o filme não é, realmente, oportuno, pelo que deverá ser adiada ‘sine die’ a sua eventual aprovação.”**  
(Sublinhados do censor. Processo de Censura nº 23430 SNI-DGE: ANTT, de 16 / 1 /1970).

“Este problema da censura é, porém, dos mais difíceis de resolver satisfatoriamente. Pode a lei definir as matérias proibidas, as permitidas e as de publicação condicionada por visto em exame prévio: a lei é executada por homens e estes têm os seus critérios de interpretação. Uns apreciam de uma maneira, outros de outra. Por mais instruções que se emitissem, nunca se evitou a existência de certo arbítrio dos censores.” (Caetano, *Depoimento*, 1974: 73)

“(…) Efectivamente, esta Comissão, no plano de defesa dos valores morais e sociais ou dos valores políticos em geral, quer no domínio do cinema quer no do teatro, tem as maiores responsabilidades. Não se trata, portanto, de um lugar para se ganhar um ou dois contos por mês, mas de uma função que tem de ser exercida com um certo espírito de missão, porque existem determinados valores que temos obrigação de preservar e defender. (...) Reconheceu que falar em critérios é questão muito vaga, porquanto o acerto dos mesmos é muito mais alcançado e conseguido nestas sessões plenárias na apreciação directa dos problemas que vão surgindo. (...) Acrescentou o Senhor Presidente ser seu pensamento o de que, para o bom e correcto exercício desta função de censor, ajudam muito o conhecimento do que dia a dia se vai passando à nossa volta – pois, até, de vez em quando, os próprios jornais de actualidades têm implicações que, de outra forma, podem passar despercebidas – e, também, o facto de gostar um pouco de ir ao teatro e ao cinema. Estes pormenores e a consulta de uma ou outra revista da especialidade são, sem dúvida, factores de muita importância para a missão do censor, missão que não pode ser a de um fiscal implacável a cortar a torto e a direito, mas a de uma pessoa com formação e preparação que lhe permita ver os problemas com amor e sentindo pena que tenha de cortar alguma coisa. (...)” (SNI – Actas das sessões 1968-1971 / DGSE Livro 29)

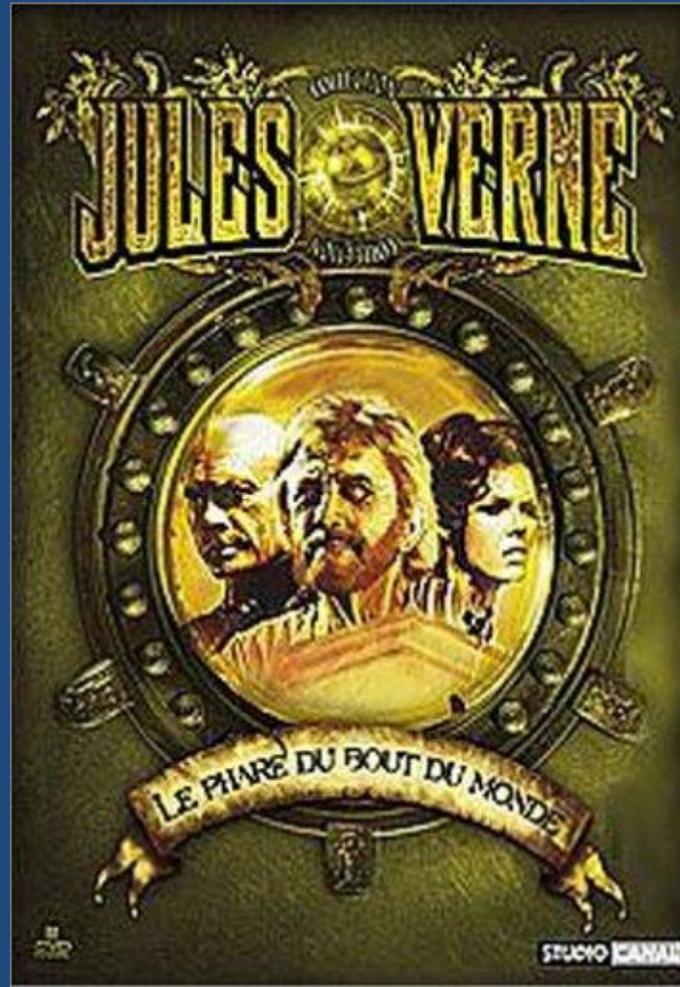
# 40 Carats, Milton Katselas, 1973



“Ora bem, eu acrescento qualquer coisa... [em relação ao parecer anterior] Este filme é, a meu parecer, completamente amoral. Também nele não há uma única pessoa de carácter, nem séria, nem com vergonha. Se o aprovo é unicamente por, tristemente ter a certeza de que se for visto por outro grupo é logo aprovado e... sem cortes (aliás não é isto uma crítica maldosa, cada qual é como é, alguns são mais liberais e eu... é o que se sabe) Aprovo de muito má vontade. Para pessoas com pouca formação moral é uma maneira de entusiasmar a levar uma vida como a destes: desrespeitar a moral, ignorar a responsabilidade que merece o casamento etc. A maneira incrível, estúpida, como a mãe e a filha do protagonista agem repugna-me, nem falando no palerma do marido. Aceitar amores de uma mulher de 40 anos com um miúdo de 20 é horrível, ignóbil. Muito se aprende de mal com esta arma de dois gumes que é o cinema!”

**“no Grupo D [maiores de 18 anos], com o corte das últimas cenas e respectivas legendas, a partir da 1651 ou da 1655 inclusive de forma a que a protagonista... perca o avião e não chegue à Grécia. *Trailer* aprovado para o Grupo D.”**

*The light at the edge of the world,*  
Kevin Billington, 1971



“Ex.mo Senhor Presidente da Comissão de Exame e Classificação dos Espectáculos: Não estou por vezes de acordo com o rigor das vossas classificações; mas como o rigor não é prejudicial, tenho-me absterido de meter a foice na vossa seara. Recordo-me, muito recentemente, de ir no Éden teatro um filme para 14 anos, *Numa árvore empoleirado*, (salvo erro) estrelado por Geraldine Chaplin e Louis de Funés, Porquê? Confesso que nada vi de mal, a não ser a vedeta ficar em trajes reduzidos, ora, qualquer criança normal vai à praia e vê lá muito mais reduzidos trajes. Mas não vos macei pois o critério, embora exagerado, não prejudicava ninguém, a não ser as empresas cinematográficas. Mas hoje, o caso foi outro e tão grave o considero, que vos telefonei mal cheguei a minha casa; Não foi no entanto aceite telefonicamente a minha reclamação; embora me identificasse, e por isso o faço por escrito como me foi aconselhado. Chamo-me Maria Elvira Gonçalves Marques Carvalho dos Santos Henriques Tomaz, com o Bilhete de Identidade nº 345709 A. I. de Lisboa, casada, mãe de 3 filhos menores, e moradora na Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, 51, 2º Dr. Algés, 214519. Fui ver ao Condes, na exibição das 14h15, o filme *Os piratas do arquipélago*, cuja classificação, como pude verificar na ficha do dito filme, é para o Grupo B (10 anos). Agradeço o favor de reverem esta classificação, pois a considero pouco criteriosa, o filme é Sádico, (?), e Prejudicial a qualquer criança, a não ser que o nome de Júlio Verne tenha influenciado quem o viu e classificou. É muito mais salutar ver uma bela obra como *Romeu e Julieta*; embora considerada imoral, que ensinar as maneiras mais repulsivas de matar como se verifica não só neste filme como também naqueles ‘Westerns’ que vós classificais, a maioria das vezes para 10 e 14 anos. Subscrevo-me com toda a minha consideração. Maria Henriques Tomaz.”

# 1064 processos de censura (1968-1974)

- Nacionalidade:
- Americana: 365 processos (34,3%)
- Italiana: 225 (21,1%)
- Francesa: 180 (16,9%)
- Inglesa: 165 processos (15,5%)
  
- Género cinematográfico:
- Drama: 385 filmes (36,2 %)
- Comédia: 168 filmes (15,8)
- Género policial com 102 filmes (9,6%).

- Temas:
- **Amor: 502 processos (47,2%)**
- **Amor e violência: 313 processos (29,4%)**
- **Violência: 200 processos (18,8%)**

*A Promessa*, António de Macedo,  
1973



“quando fiz notar, entretanto, que uma das cenas cortadas era um inocente acto de amor, o secretário de Estado declarou: ‘- Estamos em guerra! (referia-se, claro, às guerras de África nas antigas colónias). As cenas de tiroteio e mortes do seu filme estão muito bem, mas essa cena erótica... não!’ Convém não esquecer que ainda se vivia um pouco no rescaldo dos anos 60, dos *hippies* e do Maio de 68; a famosa fotografia do jovem *hippie* contrapondo uma flor às baionetas dos soldados ou os *slogans* ‘Kiss don’t kill’ e ‘make love not war’ eram considerados subversivos e proibidos pela censura em Portugal. Tive então o seguinte desabafo: - Estamos a viver numa sociedade realmente patológica, em que o acto de tirar a vida é encorajado, e o acto de dar a vida é cortado pela censura!” (Macedo, 2007: 34-35)

**“(...) em 9 de Dezembro de 1970, uma exposição da União de Grémios de Espectáculos assinada pelo Eng. José Gilera foi entregue a Marcello Caetano. Um texto ‘angustiante’, que dava conta de uma inversão de marcha nos critérios da censura: em 157 filmes censurados e destinados aos primeiros meses da temporada 1970 / 71 foram proibidos 34 (21,6 %), tendo 76 (49,7 %) sido sujeitos a mutilações!” (António, 2001: 49)**

# *Soldier in the rain*, Ralph Nelson, 1963



- “a) das imagens da mulher em atitudes provocantes, cerca da legenda 371; das imagens dos seios nus (*se é que existem; não nos apercebemos bem*) cerca da legenda nº 349; (...) Há, porém, a observar que o filme se passa no meio militar, nele intervindo sobretudo elementos do Exército que não primam pelas suas qualidades de honestidade, moralidade e disciplina. Assim, e apesar de, salvo no final, tudo se passar em tom de farsa, somos da opinião de ser conveniente que o filme seja apreciado pelo Sr. Coronel Almeida Nave.”  
(Itálicos nossos, sublinhados do censor)
- “És demasiado inteligente para ficares no Exército.”

**MC**  
MINISTÉRIO DA CULTURA

**T**  
TORRE  
TOMBO

Indique apenas um item por requisição

14786  
Requisição Nº **18786**

S/II IGAC (23mm) 1974  
cx 471

Nº Lugar

36

Data

17/7/2013

O Leitor Ann Bete R. C. Moraes

Número  
de Leitor

1831

A utilizar pelo serviço

Dia	Dia	Dia	Dia
Lugar	Lugar	Lugar	Lugar

Doc. restituído

Doc. para troca

O Presidente da Sala

IAN/TT mod 8

# Bibliografia:

- ANTÓNIO, Lauro. 2001. *Cinema e censura em Portugal*. 2ª ed. Lisboa: Biblioteca Museu República e Resistência.
- AREAL, Leonor. 2011. *Cinema português. Um país imaginado*. Vols. I e II. Lisboa: Edições 70.
- AZEVEDO, Cândido de. 1999. *A censura de Salazar e Marcello Caetano – Imprensa, teatro, cinema, radiodifusão, livro*. Lisboa: Editorial Caminho.
- CABRERA, Ana. 2006. *Marcello Caetano: poder e imprensa*. Lisboa: Livros Horizonte.
- CABRERA, Ana. 2008. “A censura ao teatro no período marcelista”. In *Media & Jornalismo*. 12/7, pp. 27-58.
- CAETANO, Marcello. S.D. *Ensaaios pouco políticos*. Lisboa: Verbo.
- CAETANO, Marcello. 1974. *Depoimento*. Rio de Janeiro, São Paulo: Distribuidora Record.
- CUNHA, Paulo. 2010. “A censura e o Novo Cinema Português.” In *Outros combates pela história*. Coordenado por Maria Manuela Tavares Ribeiro. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 537-551.
- MACEDO, António de. 2007. *Como se fazia cinema em Portugal: inconfidências de um ex-praticante*. Lisboa: Apenas Livros Ld.ª.
- MACEDO, Jorge Borges de. 1993. “Marcelo Caetano e o marcelismo.” In *História de Portugal. Dos tempos pré-históricos aos nossos dias*. Vol. XIII – O “Estado Novo” II: *opressão e resistência*. Editado por João Medina. Amadora: Ediclube, 1993, pp. 263-282.
- MORAIS, Ana Bela. 2020. “A Woman Censor during the Portuguese Dictatorship (1968-1974)”. In E. Cordero-Hoyo, B. Soto-Vázquez (eds). *Women in Iberian Filmic Culture. A Feminist approach to the Cinemas of Portugal and Spain*. Bristol: Intellect, pp. 132-145.
- MORAIS, Ana Bela. 2017. *Censura ao Erotismo e Violência. Cinema no Portugal Marcelista (1968-1974)*. Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus.
- VALENTE, Vasco Pulido. 2002. *Marcello Caetano. As desventuras da razão*. Lisboa: Gótica.